

A SERVIÇO DA CATEGORIA

# Jornal do SINTUFRJ

www.sintufjrj.org.br

FASUBRA CUT

SINDICATO DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO DA UFRJ

## Movimento liderado pelas entidades sindicais e DCE barram a entrada da Ebserh na UFRJ. Mas esta é ainda uma vitória parcial

Foram meses mobilizando a comunidade universitária e pressionando a Reitoria pela realização de audiências públicas até se chegar ao resultado de quinta-feira, dia 23, quando o Conselho Universitário aprovou a criação de uma comissão técnica que realizará um diagnóstico dos hospitais universitários. A solução Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (Ebserh) para os problemas dos HUs ficou para atrás.

Sem dúvida foi uma grande vitória do movimento, liderado pelo Sintufjrj, Adufrj e DCE Mário Prata. Portanto, mais uma vez a unidade dos técnicos-administrativos, professores e estudantes foi fundamental nesta luta em defesa da autonomia universitária, contra a privatização dos hospitais universitários e em defesa da saúde pública de qualidade e referenciada pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Páginas 4 e 5



# Idealizador do campus UFRJ-Macaé é premiado

O professor Francisco de Assis Esteves, do Instituto de Biologia da UFRJ, foi o homenageado na Categoria Especial no II Prêmio de Responsabilidade Socioambiental Bacia de Campos. A cerimônia de premiação foi em 16 de maio, no auditório da Cidade Universitária de Macaé (Campus UFRJ-Macaé).

O prêmio foi concedido ao professor pelos relevantes serviços prestados à região da Bacia de Campos nas áreas de ecologia e desenvolvimento socioambiental. Francisco Esteves foi o responsável pela criação do Núcleo em Ecologia e Desenvolvimento Socioambiental de Macaé (Nupem/UFRJ), que se tornou um dos principais centros de pesquisa do Norte Fluminense e o embrião do campus da UFRJ no município de Macaé.

O II Prêmio de Responsabilidade Socioambiental Bacia de Campos é concedido anualmente a seis categorias concorrentes: pequena, média e grande empresa, organização não governamental, empreendedor social, universidade e núcleo de pesquisa. A escolha é feita por consultores nas áreas de responsabilidade socioambiental e sustentabilidade. O prêmio Categoria Especial é concedido a personalidades que têm contribuído para a sustentabilidade regional.

## Reconhecimento

O professor Francisco Esteves considerou o prêmio um reconhecimento pelos seus 20 anos de trabalho na socialização do conhecimento científico e no desenvolvimento da região Norte Fluminense. “Esse prêmio

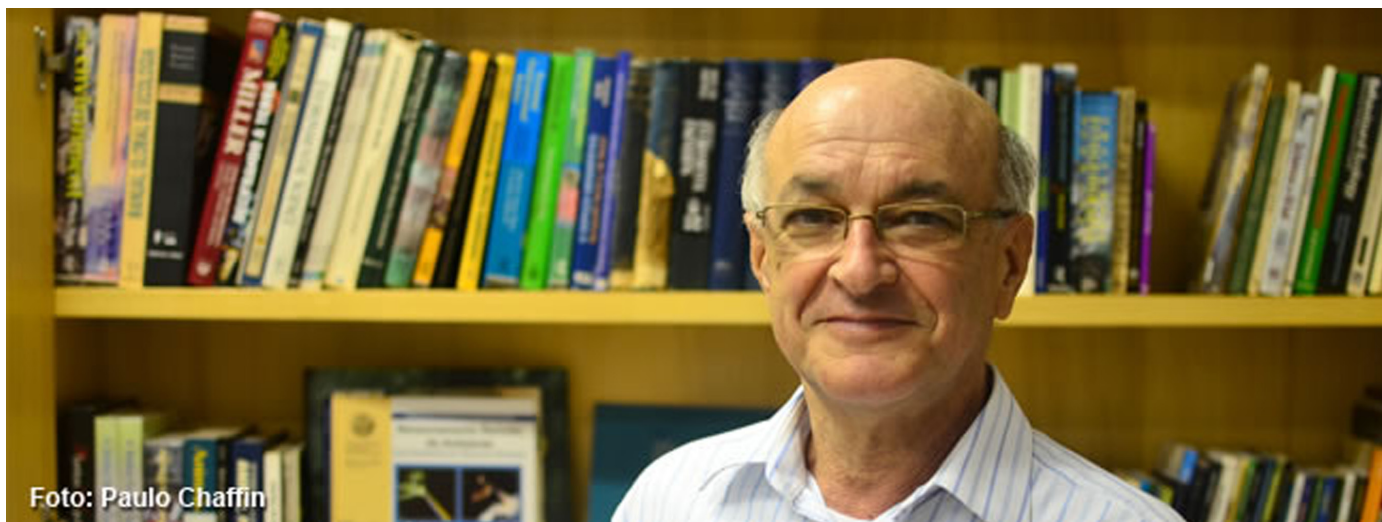


Foto: Paulo Chaffin

## FRANCISCO de Assis Esteves: justa homenagem

significa o reconhecimento do envolvimento não só acadêmico, mais também acadêmico voltado à procura da melhoria da qualidade de vida dos habitantes da região. Sempre tive o pensamento de colocar a ciência não funcionando apenas para a academia, e a sociedade não obter esse conhecimento científico somente através de revistas especializadas. Sempre me preocupei em levar a pesquisa às pessoas, às comunidades, às nossas escolas, associações, para que o conhecimento seja trabalhado pelos movimentos sociais. Sempre acreditei que a sociedade com conhecimento científico tem armas poderosas para enfrentar os desafios na preservação do meio ambiente da região Norte Fluminense”, disse ao Jornal do Sintufjr.

Para a decana do Centro de Ciências da Saúde (CCS) Maria Fernanda Quintela, a

homenagem reflete o reconhecimento ao trabalho realizado por Francisco Esteves ao longo dos 20 anos em prol da divulgação do conhecimento e da importância da ciência para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e igualitária. “A UFRJ, e claro o CCS, pode contribuir para a transformação da realidade de nosso país também no interior. Somos protagonistas deste projeto iniciado e mantido por você”, publicou a decana no site da universidade, para registrar a homenagem e parabenizar o professor em nome do Centro.

## Trabalho

Francisco Esteves formou-se em Ciências Biológicas pela UFRJ em 1979 e no mesmo ano ingressou no doutorado na Christian-Albrechts-Universität, na Alemanha. Sua produção científica compreende

mais de uma centena de artigos científicos publicados no Brasil e no exterior e vários livros editados. Sua atividade acadêmica se confunde com a história recente da Limnologia no ano de 1982.

Em 1989, Francisco Esteves veio para UFRJ, transferido da Universidade Federal de São Carlos. Com sua equipe, construiu o Laboratório de Limnologia do Departamento de Ecologia e iniciou pesquisas em Macaé com o objetivo de subsidiar o desenvolvimento econômico da região em bases sustentáveis. Uma das contribuições mais relevantes de sua carreira foi a criação do Nupem/UFRJ. O professor já formou inúmeros mestrandos e doutores em ecologia, que atuam na iniciativa privada, na academia e em organizações não governamentais (ONGs) em todo o território nacional.

**REUNIÃO DE NEGROS E NEGRAS -** Quarta-feira, 29, às 10h, no Espaço Cultural do Sintufjr.

## Alerta do Sindicato

Recebemos telefonemas e e-mails de alguns servidores, e outros estiveram na sede do Sintufjr para relatar, dizendo que pessoas se passando por representantes de empresas fictícias têm feito ligações telefônicas informando-os que há débito a quitar ou valores para receber oriundos de ações judiciais.

Em ambos os casos não existe veracidade. Por isso alertamos a todos para terem cuidado e não caírem neste tipo de golpe.

O Sintufjr não faz cobrança! Não avisamos por telefone que há valores liberados para receber e muito menos condicionamos isto a depósito bancário.

Nossas informações são através do jornal, telegrama ou e-mail institucional. Usamos estes veículos para fazer comunicação sobre temas de interesse de nossos sindicalizados.

Não forneçam seus dados por telefone para estranhos.

Caso recebam ligações, antes de tudo, anotem os dados: nome completo, endereço da empresa, telefone, assunto, número do processo etc. Verifiquem, procurem orientação antes de tomar qualquer decisão.

Não façam depósito e muito menos forneçam informações sobre seus processos e sobre sua vida. As vítimas preferidas são os aposentados, os pensionistas e as mulheres. No caso dos pensionistas, eles costumam citar, inclusive, o nome do(a) instituidor(a) para dar um ar de seriedade.

São pessoas de má índole que tentam extorquir dinheiro de trabalhadores honestos. Por isso, se de alguma forma você for vítima, denuncie e nos comunique.

toda atenção dirigida a minha pessoa, tirando todas as minhas dúvidas, tanto pessoalmente quanto através da estagiária Jaqueline, que sempre me atendeu com a maior dedicação.

Muito obrigado Dra. Adriana por todas as vezes que tive o prazer de falar e ser conduzido por você.

*José Vitorino dos Santos.  
Inativo da UFRJ*

## Campeonato Interno de Futebol 2013



Na segunda reunião para tratar do campeonato interno, dia 21 de maio, na sede do Sintufjr, foi decidido que a forma do torneio será a de futebol society. A escolha dessa modalidade partiu de pesquisa feita com representantes e atletas, e o resultado foi quase unânime. A avaliação foi a de que, sem realizar um campeonato interno há quase dois anos, o futebol society irá motivar a participação dos atletas, assim como dará chances às unidades com poucos atletas.

## Próxima reunião dia 6

A Coordenação de Esporte e Lazer convoca os representantes das unidades para a próxima reunião dia 6 de junho, quinta-feira, às 15h30, na sede do Sintufjr. Essa reunião é importante, pois definirá datas, participantes, faixa etária, entre outros itens do campeonato.

Confira a pauta: período da realização do campeonato; inclusão de prestador de serviço; dependente; idade; divulgação e fechamento do número de participantes.

## Treinos

Os representantes de times que desejem marcar jogo amistoso para treinar suas equipes antes do campeonato devem entrar em contato com a Coordenação de Esporte e Lazer pelos telefones 8478-4740 e 2598-9215 ou pelo e-mail Pierre@sintufjr.org.br. O local do amistoso está reservado para o campo da Prefeitura às terças ou quintas-feiras a partir das 15h30.

## Agradecimento

Quero parabenizar o excelente trabalho e desempenho da advogada ADRIANA FELIPPE ROSALBA PALMER, do jurídico trabalhista do Sintufjr, que, de maneira brilhante e competente, conduziu o meu processo, onde obtive ganho. Registro aqui a honra de ter sido orientado, sempre com

## Obituário

É com pesar que informamos o falecimento de Luiz Carlos Nascimento, 48 anos, porteiro do Instituto de Psiquiatria, no dia 21 de maio. Luiz Carlos trabalhou 23 anos na universidade. O sepultamento foi dia 23 de maio, no Cemitério do Caju.

**AÇÃO SINDICAL**

# Semana dedicada à Jornada Nacional de Lutas

## Sintufrj agita a universidade com visita às bases para mobilizar para o Consuni e passar abaixo-assinado

A semana que passou foi de intenso trabalho da direção sindical, que percorreu os campi e unidades mobilizando para o Conselho Universitário de quinta-feira, 23, que decidiu sobre os destinos da UFRJ, e coletando assinaturas para o abaixo-assinado pela anulação da reforma da Previdência Social de 2003.

O calendário de atividades cumprido pelo Sintufrj fez parte da Jornada Nacional de Lutas aprovada pela plenária da Fasubra, que foi realizada de 20 a 24 de maio. Na quarta-feira, dia 22, o grupo de trabalho de Carreira do Sintufrj (GT-Carreira) se reuniu no Espaço Cultural da entidade.

### Demandas levantadas

Esta foi a terceira vez que o GT-Carreira se reuniu. Dessa vez foram resgatadas as reivindicações internas da categoria, as demandas da carreira e os problemas de ordem funcional pendentes na universidade, como, por exemplo, o pagamento dos adicionais de insalubridade.

Os integrantes do GT irão levar à direção sindical os pontos levantados para que estes sejam encaminhados às instâncias de deliberação.



**TRABALHADORES** do Horto/PU aderem ao abaixo-assinado



**ABAIXO**-assinado na Escola de Música: atuação do coordenador Carlos Alberto Vieira junto à categoria



**GT-Carreira** do Sintufrj faz sua terceira reunião

## CTB realiza encontro de mulheres



**DIRIGENTES** do Sintufrj com militantes da base da UFRJ e organizadores do encontro

Nos dias 14 e 15 de maio, a Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil (CTB) realizou o 1º Encontro Estadual da Mulher Trabalhadora. O evento discutiu a luta pela emancipação feminina e contra a discriminação de gênero e a violência contra a mulher.

Os coordenadores do Sintufrj Celso Procópio, Boaventura Souza Pinto e Paulo Cezar de Souza e as trabalhadoras da

UFRJ Rita (da Reitoria) e Magda (do HUCFF) participaram do encontro representando a base.

“O encontro ocorreu em meio a uma grande vitória, que foi a aprovação, pelo Congresso Nacional, dos direitos das trabalhadoras domésticas. Uma categoria formada predominantemente por mulheres e a quem sempre foram negados direitos trabalhistas mais básicos”, afirmou Boaventura.

## Fasubra propõe emendas no Congresso para beneficiar TAEs

A direção da Fasubra foi à Câmara dos Deputados no dia 21 de maio para propor alterações na Medida Provisória 614, de 14 de maio de 2013, para beneficiar também os técnicos-administrativos em educação (TAEs). A MP trata de mudanças da carreira docente das Ifes e altera a Lei nº 12.772 sancionada em 28 de dezembro de 2012 que trata da estruturação do Plano de Cargos e Carreiras do Magistério Federal.

O coordenador de Políticas Sociais da Fasubra, Diego Rodrigues, visitou gabinetes de deputados federais para conversar com os parlamentares e solicitar a assinatura da proposta de emendas antes do prazo final para propositura que terminou no próprio dia 21 de maio. Foram entregues aos deputados quatro emendas:

1 – A primeira pede que se estenda aos trabalhadores ativos, aposentados e pensionistas as modificações presentes na Lei 12.772/2013 (Anexo III – somatório de cargas horárias para progressão por capacitação; e Anexo IV – incentivo à qualificação).

2 – A segunda modifica o artigo da MP 614/2013 que prevê apenas para os técnicos de nível superior (Classe E) a utilização de cargas horárias de disciplinas cursadas em cursos de mestrado e doutorado, ampliando essa possibilidade para todos os TAEs, independente do nível de classificação.

3 – E duas outras emendas que pedem a mudança da MP 614/2013, alterando a forma de enquadramento para o técnico que faz novo concurso para as Ifes e ingressa em outro cargo, de maneira que se possa considerar o tempo de serviço no plano de carreira para posicionamento na Tabela.

Fonte: Com base em texto da jornalista Carla Jurumemba, da Assessoria de Comunicação da Fasubra Sindical.

# Entidades apoiaram a proposta das comissões e elogiaram decisão

Os coordenadores da Fasubra Gibran Ramos Jordão e Charles Brasil levaram a mensagem da Federação ao colegiado.

Charles afirmou que há 35 anos a Fasubra luta em defesa dos trabalhadores das universidades públicas e sempre se manifestou contrária à Ebserh. Anunciou que a entidade realizará seminários regionais de resistência contra a empresa e que a categoria continuará lutando por uma universidade pública e pelo Sistema Único de Saúde (SUS) totalmente gratuito.

Gibran chamou atenção dos conselheiros para o fato de que há muitas instituições e “muita gente séria” em todo o país que vem se posicionando contra a Ebserh, como o Conselho Federal de Medicina, Andes-SN, Sinasefe, entidades do movimento estudantil, Conselho Nacional de Saúde, Frente Nacional contra a Privatização da Saúde, entre outras, inclusive Procuradoria-Geral da União impetrou a Adin contra a empresa. “Várias entidades, e em âmbito nacional, vêm se mobilizando contra a Ebserh, por isso é sensato que neste Conselho seja aprovada a proposta de criação da comissão, que tem o objetivo de fazer o diagnóstico dos hospitais da UFRJ”, disse o coordenador.

A coordenadora do SintufRJ Alzira Trindade conclamou o Consuni a aprovar a proposta dos movimentos: “É com imenso prazer que vejo novamente essa sala com essa quantidade de alunos interessados nos destinos da universidade. Nós, técnicos-administrativos e docentes, sempre nos pautamos em defesa da autonomia universitária (desde a época da ditadura), estivemos presentes no conselho discutindo e dialogando o melhor para a universidade e para a socie-



FRANCISCO Carlos

de. Mas desta vez parece (haver) um pouco de retrocesso, pelas falas no colegiado passado, quando insinuaram que a presença dos alunos estaria significando um constrangimento. Constrangimento é termos que dizer para a população que o Consuni está titubeando em decidir pelo “Fora Ebserh”, porque esta empresa significa privatização dos serviços de saúde. É um mal que não é necessário e precisa ser expurgado de dentro das universidades”.

A coordenadora explicou que a Fasubra vem construindo esta luta há mais de dois anos junto com os sindicatos de base. “A gente vem dizendo que a Ebserh não nos serve. Que coloca a universidade à priva-

tização. E se nós permitirmos que a universidade privatize os serviços de saúde, nós estaremos dizendo ao povo brasileiro que somos incompetentes, que os docentes não têm competência para gerir seus hospitais e, pior, que somos subservientes a um governo que não tem se mostrado ao lado dos trabalhadores”, denunciou Alzira, alertando ainda que a adoção da empresa levará à precarização das relações de trabalho da pior maneira possível: “Nos somos uma universidade federal, a parcela mais importante em nível de conhecimento. E aí dizemos: estamos permitindo entregar o patrimônio público para uma empresa privada (que pode ter o nome de pública, mas estamos todos convenci-



ALZIRA Trindade

dos de que seu contrato aponta para lucros e investimentos, quando saúde nunca foi mercadoria”.

Por fim, Alzira conclamou: “Estamos aqui, técnicos-administrativos, docentes e estudantes da maior universidade federal do país, para dizer um não muito grande e propor que este conselho, composto por pessoas tão dignas e merecedoras de estarem ocupando estes postos, nos representando, aprove a proposição dos movimentos de criação da comissão para fazer o diagnóstico correto. E não este diagnóstico forçado, cheio de máscaras e mentiras e dados falsos construído pela Ebserh”.

A diretora do Andes-SN, Elizabeth Barbosa, alertou para os perigos

da adesão à empresa e apontou que havia ali naquele momento representantes da categoria de diversas Ifes: “Porque esta empresa vai contra nossa autonomia e contra a qualidade de ensino”.

O diretor da Adufrj, Mauro Iasi, apontou que a Ebserh se mostrou incompetente, com um diagnóstico “pífio, equivocado e insuficiente”. O dirigente convocou o repúdio à empresa e o apoio à comissão que propõe uma solução para o problema dos hospitais universitários: “A Ebserh nos divide; uma solução para os hospitais universitários une todos — estudantes, professores e funcionários —, e deve unir os conselheiros que aqui deliberam sobre esse assunto”.

## Entrevista

### Decisão exemplar

O coordenador da Fasubra Charles Brasil analisa a decisão do Consuni da UFRJ

Jornal do SintufRJ: Qual a sua avaliação do resultado do Consuni?

Charles Brasil: A decisão do Conselho Universitário da UFRJ, do ponto de vista dos trabalhadores, foi importante porque vai dar mais tempo até para nos embasarmos dos argumentos técnicos para convencer

os conselheiros que ainda são a favor desta adesão. E foi um exemplo, pela maneira democrática como foi conduzido o processo, permitindo as falas para as entidades representativas da comunidade universitária.

JS: Aponta uma perspectiva para as Ifes que estiverem pressionadas a

aceitar a Ebserh?

Charles Brasil: Isso mesmo. Esse sinal se torna mais importante ainda porque, de certa forma, a UFRJ, por ser a maior universidade federal do Brasil, se torna uma referência, e, quando toma a decisão que foi tomada hoje, demonstra, para todo o país, o quanto democrática é.



GIBRAN Ramos Jordão



CHARLES Brasil

# Consuni aprova proposta das comissões

**A mobilização das entidades foi vitoriosa e conseguiu afastar o perigo da Ebserh da UFRJ. Mas a luta pela autonomia universitária e contra a privatização da saúde continua**

Fotos: Renan Silva

Prevaleceu o bom senso. O que se encaminhava para um confronto de posições extremas no Conselho Universitário (Consuni) – de um lado os que defendiam a Ebserh como saída para a crise dos hospitais, e de outro as entidades representativas dos segmentos da comunidade contrárias à entrega do patrimônio da UFRJ a gestões privadas – acabou se confluindo para o melhor caminho: o respeito à autonomia.

Depois de muito diálogo e da construção de uma proposta de consenso formulada pelas comissões permanentes do colegiado, a sessão do dia 23 de maio aprovou a criação de um grupo de trabalho autônomo para produzir o diagnóstico dos hospitais universitários que irá basear a decisão de soluções para os problemas das unidades de saúde da UFRJ.

## Todos em alerta geral

Representantes da Fasubra, Sintufjr, Andes-SN, Adufrj, DCE Mário Prata e militantes das frentes estadual e nacional em defesa dos hospitais universitários e contra a privatização da saúde, técnicos-administrativos, docentes e estudantes ocuparam o salão do colegiado, na quinta-feira, para acompanhar o debate e a decisão no Consuni.

Dezenas de moradores do alojamento também foram ao Consuni naquele dia, pois reivindicavam o remanejamento para um local adequado durante a reforma do atual prédio, e uma audiência pública para discutir essa e outras demandas.

## Proposta alternativa

Já no expediente (meia hora inicial da sessão dedicada a assuntos gerais), o representante discente Julio Anselmo apontou que havia “na mesa” a proposta do melhor caminho: a comissão de cunho técnico que poderia apontar de fato como resolver os problemas dos HUs sem a postura subserviente à proposta do governo. Em seguida, as entidades representativas – Fasubra, Sintufjr, Andes-SN e Adufrj – fizeram a crítica à Ebserh e saudaram a atitude do colegiado em apontar uma iniciativa autônoma.

As comissões permanentes do Conselho – Comissão de Legislação e Normas, de Desenvolvimento e Ensino e de Títulos, formularam uma proposta, apresentada pelo decano do Centro de Tecnologia

Walter Suemitsu: a formação de um grupo técnico para elaboração do diagnóstico dos problemas dos hospitais universitários com prazo de 60 dias para levar seu estudo ao Consuni. Uma comissão do Consuni irá acompanhar o processo.

Segundo o decano, esta comissão seria formada por ele e pela professora Maria Fernanda Quintela, ambos da comissão de Desenvolvimento; pelo técnico-administrativo Nilson Theobald e pelo estudante Thiago França, da Comissão de Legislação e Normas, e pela professora Diana Maul, pela técnica-administrativa Mônica Mauhy e pelo estudante Júlio Anselmo, da Comissão de Ensino e Títulos.

Em relação ao grupo técnico, foi proposto um especialista em: direito administrativo; direito contratual; administração hospitalar; sistemas financeiro e de compras; gestão de pessoas; planejamento; saúde e tecnologia; além de um representante da Pró-Reitoria de Pessoal e alguém com conhecimento das necessidades acadêmicas dos HUs.

Pela proposta inicial, o grupo técnico apresentaria também sugestões para gestão, mas como esse ponto foi muito questionado, a proposta foi alterada, e a proposição de formas de gestão ficou a cargo do Consuni.

Para suprir a falta de representante do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas (CCJE) na comissão do colegiado, foi sugerida a inclusão da decana Maria Lúcia Werneck.

## Aprovação por unanimidade

A proposta foi aprovada de forma unânime, sem abstenção, com uma grande comemoração do plenário.

Logo em seguida foram postos em votação os destaques. Foi aprovado por unanimidade que o resultado seria apresentado improrrogavelmente em 60 dias.

Embora não tenha sido votado, há, como garantiu o reitor, acordo de que alguns minutos da pauta das sessões do colegiado serão destinados a informe do andamento da comissão.

No final, a atribuição do comitê técnico também ficou definida, acatando-se a solicitação do conselheiro Marcelo Correia e Castro, que não concordou que a comissão apresente proposta de gestão, mas, sim, que ofereça elementos que permitam a elaboração de uma proposta de gestão.



CONSELHO Universitário respeita reivindicação da comunidade acadêmica



REPRESENTAÇÃO das entidades se revesaram na defesa da proposta alternativa à Ebserh

## Avaliações

O reitor Carlos Levi afirmou que “chegamos a uma proposta que, de alguma maneira, tenta conciliar as posições que vêm se confrontando e com isso a gente ganha capacidade de coesão em cima de uma proposta que possa ter adesão mais ampla, uma sustentação mais firme, e isso interessa à universidade”.

O representante do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Roberto Leher, elogiou: “Avançamos na reflexão de que a universidade deve ter meios autônomos para pensar seus problemas, elaborar seus próprios diagnósticos e decidir seus encaminhamentos futuros. O trabalho da comissão foi bem-sucedido e aponta para uma perspectiva que contempla anseios de todos”.

“Vamos sair do maniqueísmo do sim ou não à Ebserh e formar uma comissão de maneira autônoma”, observou o representante técnico-administrativo Nilson Theobald, agora membro da comissão de acompanhamento do

Consuni, explicando que o resultado dos trabalhos vai dar condições da UFRJ exigir do governo o que for preciso para resolver os problemas. Ele solicitou que daí por diante o colegiado tivesse como ponto de pauta garantido espaço para a comissão colocar os avanços de seus trabalhos.

“Acho que hoje é um dia de júbilo para a universidade por uma razão que ainda não foi tocada: estamos num processo de retomada da capacidade de discernirmos, desenharmos e executarmos nossas próprias po-

líticas”, disse o representante do CCJE, Alcino Câmara, afirmando que era o primeiro passo para a UFRJ retomar o caminho “das nossas próprias políticas, das nossas próprias vontades”, e sugerindo a integração na comissão da Ouvidoria da UFRJ, como instrumento de aferição da prestação de serviço.

O representante dos estudantes, Júlio Anselmo, se disse emocionado diante daquele importante passo. “Pela primeira vez em alguns anos vejo a universidade se munindo da grandeza da universidade”.



CATEGORIA acompanha cada minuto da sessão do Consuni

# Uma questão de interesse de toda a UFRJ

**“Relevante e urgente”. Esses foram alguns dos adjetivos empregados pelas pessoas que participaram do evento para classificar o seminário “Identidade e gênero, uma questão de toda UFRJ”, realizado pela Pró-Reitoria de Pessoal (PR-4) entre os dias 20 e 24 de maio, no auditório do bloco A do Centro de Tecnologia. Mais de mil integrantes da comunidade universitária (estudantes, técnicos-administrativos e docentes, inclusive de outros campi) e de outras instituições se inscreveram e participaram do seminário, que discutiu temas como diversidade sexual, violência contra a mulher, homem e sexo e aborto.**

## Homofobia

A violência homofóbica foi discutida no seminário, porque ela ocorre também dentro dos campi das universidades, embora nem sempre seja visível, mas exige aten-

ção e punição. O espancamento do jornalista Fernando Soares, 39 anos, colaborador da Agência de Notícias das Favelas, ocorrido dois dias antes estimulou a discussão. Ele foi vítima de um ataque homofóbico por parte

de cinco homens, num banheiro de um bar na Lapa, após tentar separar uma briga. Ele teve concussão cerebral (perda de consciência) e fratura da mandíbula.

Além da intolerância à diver-

sidade sexual, a violência contra a mulher também ganhou contornos dramáticos. Basta acompanhar o noticiário nos meios de comunicação sobre a ocorrência de estupros em transportes públicos.

## Temas atuais e polêmicos

Debateram a Diversidade Sexual, no dia 20, o deputado federal Jean Wyllys (PSOL/RJ); Marco Vinício Torres, professor da Faculdade Nacional de Direito; Elídio Marques, do Centro de Ciências Jurídicas e Econômica e Alexandre Bortolini, técnico-administrativo e coordenador do Projeto Diversidade Sexual na Escola, da Pró-Reitoria de Extensão.

Violência contra a Mulher foi o tema debatido no dia 21 pela professora do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Anna Marina Barbará, pela coordenadora do Centro de Referência da Mulher da UFRJ e integrante do Núcleo de Estudos de Políticas Públicas em Direitos Humanos, Eliana Moura, pela secretária Especial de Políti-

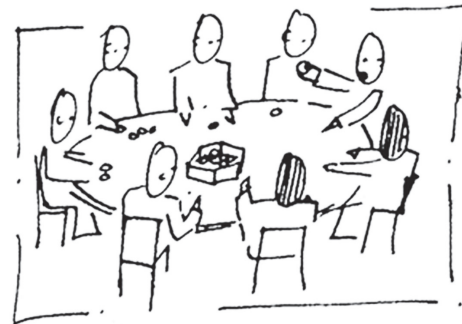
cas para Mulheres da Prefeitura do Rio de Janeiro, Ana Rocha, e pela assistente social do município, Rose Pedreira.

Os médicos René Murilo, do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho, e José Mauro Braz, do Instituto de Atenção à Saúde São Francisco de Assis, participaram da mesa que debateu o Homem e o Sexo.

Para debater o Aborto, estavam previstas as participações de Alvio Palmiro, da Maternidade Escola, Rejane Farias, da Escola de Serviço Social, Rosângela Talib, da entidade Católicas pelo Direito de Decidir, Dóris Hipólito, do Movimento Pró-Vida, e Lúcia Pedrosa Barbosa, da Faculdade de Medicina da UniRio.

## Desdobramentos do seminário

Além de estimular a reflexão sobre os temas pautados, o seminário se propôs a gerar demandas para políticas de pessoal da universidade. A PR-4 anunciou algumas medidas iniciais, como a criação de grupos de trabalho abertos ao público, a organização do próximo seminário (dias 19, 20, 21 e 22 de maio de 2014, no auditório do CT) e a criação de um site ([www.genero.pr4.ufrj.br](http://www.genero.pr4.ufrj.br)) e um e-mail ([genero@pr4.ufrj.br](mailto:genero@pr4.ufrj.br)) para contatos, dúvidas, críticas e sugestões. A Pró-Reitoria



também criará canais para o acolhimento das denúncias de discriminação no âmbito da UFRJ.

As propostas formuladas no seminário que serão encaminhadas através de e-mails e que não forem da alçada direta da PR-4 serão encaminhadas para que a Reitoria dê consequência.

## Iniciativa e equipe são elogiadas

A iniciativa e o evento, que foi coordenado pelo gabinete da PR-4 e organizado por uma grande equipe de servidores e estagiários, entre os quais os técnicos-administrativos Ana Paula de Paula, Gustavo Cravo e Karine Guedes, foram elogiados pelo público.

Participaram da abertura o reitor Carlos Levi, o pró-reitor de Pessoal, Roberto Gambine, o coordenador-geral do Sintufjr Francisco de Assis e o decano do CT Walter Suemitsu.

Francisco de Assis saudou a iniciativa afirmando que é importante a universidade debater questões que há tempos o movimento sindical vem tratando. Ele adiantou que a atual gestão vai criar grupos de trabalho para discutir gênero e combater à homofobia, e acrescentou, ainda, que a Fasubra também debate os temas, inclusive ela participou recentemente de um encontro internacional sobre gênero.

“Mas temos que avançar também no campo acadêmico”, observou o sindicalista, para quem o tema deve ser tratado pela universidade também sob o ponto de vista pedagógico.

Francisco disse que irá propor à representação dos técnicos-administrativos no Conselho de Ensino de Graduação que indique a inclusão de gênero nos currículos das disciplinas que tratam da questão. E pôs o Sintufjr à disposição desse debate.

O dirigente também defendeu que o movimento sindical discuta a necessidade de ter a representação feminina na mesma proporção que a masculina nas direções sindicais, e lembrou que a atual direção sindical já enfrentou problemas na questão de gênero, e concluiu afirmando: “mas é salutar que a gente enfrente esses debates de cabeça erguida para avançar nas conquistas”.

O pró-reitor de Pessoal, Roberto Gambine, destacou o trabalho da

equipe e anunciou outras iniciativas, como o 1º Seminário de Integração dos Técnicos-Administrativos em Educação, em agosto; a 33ª edição do Encontro de Dirigentes de Pessoal, em setembro, e o Encontro do Sistema Integrado de Atenção à Saúde do Servidor, em outubro.

Mas fez questão de ressaltar que a UFRJ só consegue realizar eventos como aquele se estiver no exercício de sua autonomia, e que também dificilmente a comunidade estaria ali sem os benefícios da Constituição de 1988, “essencialmente democrática e cidadã”, que prevê a autonomia universitária.

“A universidade é o espaço da reflexão, da crítica, das discussões sobre temas desafiadores como estes do seminário que, sem dúvida, têm uma grande relevância porque são atuais. Infelizmente são atuais porque há uma defasagem crônica de como devem ser tratadas essas questões e de como os avanços têm que ser conquistados”, disse o reitor Carlos Levi.

Os palestrantes apontaram a responsabilidade pública e social da universidade em formar profissionais na questão de gênero e diversidade sexual, e pediram que os gestores incorporassem seus discursos às práticas institucionais.

O professor de Direitos Humanos da Faculdade Nacional de Direito, Elídio Marques, foi ao ponto: “A universidade está fazendo tudo o que pode? Essa é uma pergunta que deve nos perturbar. E essa é também uma das razões pelas quais a gente precisa de autonomia”.

Segundo o professor, a autonomia é necessária não só para fazer o debate, mas para pôr a universidade na vanguarda desses estudos, uma possibilidade que a seu ver não será possível se a UFRJ admitir regras de mercado na sua estrutura de saúde. “É preciso incorporar como sonho o projeto de uma sociedade que possa superar as desigualdades com respeito às diversidades”, afirmou.

# Técnica-administrativa coordena curso de licenciatura

**A**bióloga Benedita Aglai, 64 anos, coordena o curso de licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto de Biologia há várias gestões e em 2010 assumiu a vice-coordenação do curso na modalidade Ensino a Distância (EAD).

Benedita entrou para a UFRJ em 1982, com mestrado em Geografia e doutorado em Ecologia. Ela ocupa um cargo antigamente limitado a professor, que aos poucos foi sendo conquistado pelos técnicos-administrativos, cuja competência e mérito são reconhecidos.

No Instituto de Biologia, segundo Benedita, foi acordado que o cargo de biólogo será exercido por um técnico-administrativo de nível superior capacitado. “Fui convidada pela professora Maria Fernanda Quintela na sua primeira gestão como diretora do instituto. Permaneci no cargo em sua segunda gestão e continuo agora com o professor Solé Cava. O diretor pode indicar outra pessoa, mas há uma recomendação para que mantenha um técnico-administrativo,” complementou.

## Obstáculos removidos

Benedita diz que os funcionários conseguiram avançar no reconhecimento de seus méritos, mas ainda há entraves para o pleno exercício das funções de coordenação devido ao regimento da universidade e das agências dos órgãos de fomento: “Existem limitações regimentais. A Capes, por exemplo, para algumas atitudes do coordenador, exige que ele seja docente, mas no geral dá para trabalhar. No caso do Instituto de Biologia, passamos tranquilamente por essas limitações sem ofender a legislação e ao mesmo tempo fazendo trabalhar técnicos capacitados num setor delicado”.

A bióloga, que desde que entrou na UFRJ trabalha no Departamento de Ecologia, afirma que sempre gostou muito de trabalhar na coordenação e que não foi pioneira. “Como técnica de ensino superior não sou a primeira. Teve a Leontina, depois dois professores foram coordenadores, e a coordenação voltou para um técnico-administrativo, que fui eu. Aprendi muito com outras pessoas que estiveram



Foto: Renan Silva

**BENEDITA:** “Ainda há entraves a serem removidos pelos funcionários”

antes de mim”, diz Benedita.

Como coordenadora de ciências biológicas, a técnica-administrativa é responsável pela orientação acadêmica dos alunos. Um trabalho importante que contribui para a formação do estudante e evitar evasão. “Temos a Comissão de Orientação e Acompanhamento Acadêmico (Coaa) que são a Coordenação de Licenciatura e a Coordenação de Bacharelados. Se o aluno não está indo bem, a gente chama para conversar e perceber o que está acontecendo, e procuramos ajudar da melhor maneira possível. Está mal? Ligo e chamo para conversar. Às vezes o aluno tem vergonha de falar que não tem base para acompanhar determinadas disciplinas. Ele tem de estar confiante de que será ajudado. É

um trabalho delicado, mas temos programas de acompanhamento para esse tipo de aluno. Se você não estabelece uma conversa, acaba desistindo”, explica Benedita.

## Ensino a distância

Benedita Aglai é também vice-coordenadora do Ensino a Distância (EAD). Nessa modalidade, o curso Ciências Biológicas é realizado em consórcio entre as universidades públicas UFRJ, Uerj e Uenf e ministrado semipresencialmente nos municípios: “É algo em que eu tenho muito prazer de trabalhar, porque é um curso que efetivamente significa uma inclusão social grande. Ao invés da gente trazer o aluno de longe através de qualquer sistema de ação afirmativa, e com ele todas as dificuldades de adaptação e a necessi-

dade de mantê-lo na instituição, no EAD a universidade vai aos municípios. Então há uma retenção maior do aluno e menor evasão”.

Para Benedita, o EAD vai dar muito o que falar em termos de eficiência: “É fantástico. Dá um trabalho danado, mas é um projeto em que a maior parte dos professores está envolvida. Eles vão aos polos para orientar, e os alunos têm presença obrigatória com práticas de laboratório de genética e evolução, e trabalhos de campo, como fazem os alunos do curso presencial. Fico feliz de ver que os meninos concluem o curso, e bem. E passam em concurso antes até de terminá-lo”.

Ela diz que o bom e o inusitado da modalidade a distância começam com as três universidades

diferentes dando disciplinas compartilhadas, unidas num projeto comum e que tem dado bons resultados, porque, de acordo Benedita, na própria UFRJ a fragmentação prejudica os projetos: “Às vezes é muito difícil dentro de uma mesma universidade e de uma instituição conseguirmos juntar pessoas para fazer uma coisa comum”.

## Estagnar nunca

Mesmo atuando há três gestões como coordenadora, Benedita diz que sempre tem mais. “Sempre há desafios. Eu não termino um trabalho; eu termino uma etapa, do trabalho. Outras pessoas que virão depois de mim terão outras etapas, que serão também etapas importantes. E a licenciatura, como qualquer curso e carreira, evolui no tempo e no espaço, e temos de acompanhar essa evolução com mudanças e propostas”, afirma.

Como vice-coordenadora do curso na modalidade EAD, Benedita pretende encerrar uma etapa de seu trabalho até o final da atual gestão, em dezembro, e com a certeza do dever cumprido: “O curso passou por uma adequação da grade curricular e eu pude colaborar com o projeto político-pedagógico, assim como com a modernização do projeto. Isso me traz muita satisfação. Quero encerrar essa etapa com uma grade adequada e com tudo funcionando, que é o objetivo da gente aqui”.

## Declaração de amor

“Não sei como seria em outra universidade. Talvez fosse um pouco mais difícil, porque conheço universidades um pouco mais fechadas em suas relações internas. Não posso garantir se percorreria um caminho igual ou semelhante, mas aqui na UFRJ encontrei extrema facilidade, inclusive para fazer meu mestrado e doutorado sem ser docente. O que mostra que a universidade não é tão conservadora como se pensa. Tem poros de abertura que conseguimos aproveitar para fazer um trabalho coerente e conjunto. Enfim, com esses anos todos de trabalho nessa universidade, me considero uma pessoa apaixonada por ela. Se tem defeito, eu posso falar, mas não os outros”, conclui Benedita Aglai.

# Militantes relembram 25 anos da marcha contra a farsa da Abolição

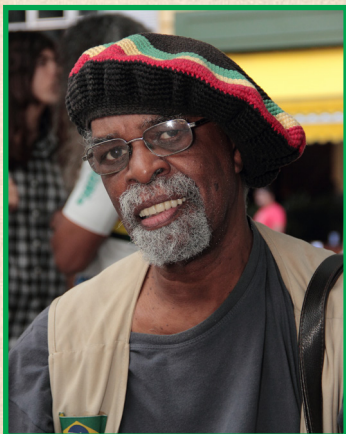


MILITANTES no comando da marcha em 1988

O ato na Cinelândia dia 20 de maio para reviver a histórica marcha de 11 de maio de 1988, realizada no centenário da Abolição, cujo lema foi “Nada mudou. Vamos mudar!”, reuniu vários ex-organizadores do evento e provou que a manifestação de coragem dos militantes negros ficará para sempre na memória do país.

A marcha denunciou a farsa da abolição dos escravizados africanos no Brasil e foi violentamente reprimida pelo Exército pela Polícia Militar. Os manifestantes foram impedidos de chegar até o monumento de Zumbi dos Palmares, saindo da Candelária e seguindo pela Avenida Presidente Vargas. Então, eles fizeram a contramarcha.

tuto Búzios, uma entidade do movimento negro que atuou para a realização da marcha e do encontro de mulheres.



JANUÁRIO Garcia

O repórter fotográfico Januário Garcia, 70 anos, também esteve na Cinelândia dia 20. “Aquele foi um momento (a marcha de 1988) importante, porque a gente contestava a programação oficial sobre o centenário da Abolição da escravidão negra no Brasil”, afirmou. Ele conta que no Rio de Janeiro, no bairro do Leblon, havia o Quilombo da Camélia, para onde a maioria dos escravos fugidos ia ao chegar à cidade de trem. “Eles sabiam que encontrariam na estação alguém os esperando com uma camélia na lapela”.

Januário foi um dos organizadores da marcha de 1988, pois desde 1975 milita no Movimento Negro Unificado, quando também direcionou seu talento e sensibilidade de jornalista na captação de imagens da população negra do Brasil e de outros países latino-americanos, e em traduzir em livros a história dos afrodescendentes a partir da realidade onde se inserem. “Tenho um arquivo de mais de 40 mil fotos sobre o movimento negro no Brasil, na diáspora e na África, além de reproduções de jornais, panfletos e cartazes”, disse.

Ele é autor dos livros “25 anos do movimento negro – 1980-2005; “Diásporas africanas na América do Sul, uma ponte sobre o Atlântico”, que reúne fotos das comunidades negras de países que fazem fronteira com o Brasil, além do próprio Brasil; e “A história dos remanescentes dos Quilombos no Estado do Rio de Janeiro: a verdade que a história não conta”. Desde 2004, a Organização das Nações Unidas (ONU) leva para várias partes do planeta uma exposição de



Fotos: Renan Silva

AMAURI Mendes Pereira, a coordenadora do Sintufjr Gloria Pagano e Glória Ramos, do Coletivo de Combate ao Racismo do Partido dos Trabalhadores no Estado do Rio de Janeiro

fotos de Januário, que também fica exposta no escritório do órgão, em Nova York.

“Dezenas de pessoas participaram da organização da marcha. Foi um movimento que envolveu vários setores organizados da sociedade”, lembra Glória Ramos, membro do Coletivo de Combate ao Racismo do Partido dos Trabalhadores no Estado do Rio de Janeiro.

Amauri Mendes Pereira, 61 anos, professor universitário da disciplina História da África, fez parte do comando da marcha pelo Instituto de Pesquisa das Culturas Negras (IPCN). “Internamente”, disse, “a marcha aglutinou o amplo conjunto da militância no Rio de Janeiro. Contou com o apoio firme de sindicatos, igrejas católicas, evangélicas, presbiterianas e, principalmente, das religiões de raízes africanas, e partidos políticos”.

Segundo o professor, a militância conseguiu uma forma nova de mobilização, que foi através dos comitês, onde eram realizadas as plenárias descentralizadas. “Foram oito meses de organização, e todos se uniram, até os que eram contra no dia estavam lá no caminho do povão (seguindo em direção à Central do Brasil)”. Ele lembra que mais de 500 pessoas se inscreveram para falar na plenária final, no Quilombo da Igreja da Matriz de São João de Meriti. “Foi um momento democrático, pois tudo era amplamente discutido. Não teve ônibus especial e nem vale-transporte, mas 70 mil pessoas participaram da marcha”.

O militante também não se esquece da assessoria firme do

advogado da OAB, carinhosamente chamado de Osvaldão, e de dois episódios ocorridos que atestam a truculência da repressão policial: a prisão de todos os passageiros que vieram no trem de Duque de Caxias para a marcha e os seis palanques da Riotur montados em frente à Central do Brasil sendo quebrados.

“Hoje a nossa tarefa é fazer a memória da marcha e manter viva a nossa organização como movimento negro”, afirmou o secretário de Combate ao Racismo da CUT-Rio, Antônio Barbosa dos Santos.



ADERALDO Gil

Aderaldo Gil dos Santos tinha 26 anos em 1988, mas já era militante do IPCN. “A marcha foi grandiosa porque organizamos um trabalho de mobilização de base: criamos comitês nos subúrbios, favelas, morros, Baixada Fluminense, São Gonçalo, Niterói e pelo interior do Estado do Rio de Janeiro quatro meses antes. Foi um acontecimento que somou com outras manifestações que ocorreram país a fora. Mas apesar da PM e do Exército impedirem que chegássemos ao monumento de Zumbi dos Palmares, a marcha foi vitoriosa, porque conseguimos divulgar a questão racial

e acabar um pouco com o mito da democracia racial.

Para ele, que é professor de História da Faetec e do Degase (Departamento Geral de Ações Socioeducativas), 25 anos depois relembrar esse acontecimento é uma arma contra aqueles que querem silenciar a luta dos negros. “A marcha já consta de livros didáticos de História”, garante.



JOSÉ de Souza Andrade

“A marcha foi um acontecimento, e a minha maior atuação foi panfletar a população. Era obrigação nossa que todos soubessem o que ia acontecer naquele dia. Eu panfletava na Praça XV, Central do Brasil e dentro dos trens. Fazia o corpo a corpo com os irmãos negros. Convencer as pessoas a irem à marcha era minha tarefa. A maioria vibrava, afinal comemorávamos um centenário”, recorda José de Souza Andrade, o Zezinho, 58 anos, repórter fotográfico, fundador e sócio do IPCN.

Ele não tem dúvidas: “Ainda estão nos devendo muito. Mas a marcha abriu o olhar e fez as pessoas acreditarem na força do movimento negro. Devemos isso também à contramarcha”.



LUCIENE Lacerda

“A marcha de 1988 possibilitou a organização do 1º Encontro Nacional de Mulheres Negras, que foi realizado naquele mesmo ano, na cidade de Valença, Estado do Rio de Janeiro. Um momento em que as mulheres negras se reuniram para falar sobre suas questões, como as necessidades do trabalho, discriminação na saúde e na educação, falta de políticas públicas, como creche e saneamento básico nos locais de moradia, discussão sobre a mídia, violência policial e do papel importante que os negros reflorestadores do atual Parque Nacional da Tijuca tiveram na reforma das nascentes que abasteciam a cidade, que na época passava por falta d’água por causa da destruição do solo em virtude das plantações de café”, afirmou a técnica-administrativa Luciene Lacerda, pesquisadora do Instituto de Estudos em Saúde Coletiva (Iesc) e integrante do Insti-